

AS NOVE PLANTAS DO DESEJO

MARGOT BERWIN



Tradução de Inês Rebelo

 Porto
Editora

Nota da Autora

Este livro é uma viagem que transita do mundo da publicidade de Nova Iorque para as florestas tropicais da Península do Yucatán. Dos negociantes de plantas no Mercado Verde da Union Square para os curandeiros, herbanários, xamãs e charlatães, e até mesmo para as almas das próprias plantas.

A história baseia-se numa relação com o meu querido amigo Armand, que teve a gentileza de me autorizar a usar o seu nome nestas páginas. Acho que é um nome bonito e não consegui encontrar outro melhor.

Ao longo dos anos, Armand ensinou-me muitas curiosidades acerca das plantas e da vida. Aproveitei parte desses conhecimentos para criar este romance. Diria que os factos narrados são ficcionais nos pormenores, mas muito reais em termos abstractos.

Leiam-no como quiserem e da forma que mais vos agradar.



Ave-do-paraíso

(Strelitzia reginae)

Nativa da África do Sul e pertencente à família da bananeira, é apreciada pela sua estrutura alta e extremamente colorida. Esta planta não é adequada para os que se sentem facilmente deprimidos nem para os impacientes ou mandões, dado que são necessários sete anos para que nasça uma só flor. É ideal para aqueles que gostam de dar sem receber nada em troca. Cada um de nós sabe quem é e como é.

Comecei, inadvertidamente, a interessar-me por plantas tropicais, porque foi o que comprei a um vendedor no Mercado Verde da Union Square.

Costumava acreditar nesta frase, mas agora sei algo mais. Sei que isso me estava destinado.

Eis como tudo se passou.

Tinha acabado de me mudar para a esquina entre a Fourteenth Street e a Union Square, para um pequeno estúdio recentemente renovado, sem qualquer identidade própria. Era uma caixa de forma quadrada com o piso em soalho, sem mobília nem ornamentos. Branca e com tectos baixos. Era exactamente o tipo de apartamento que eu queria. Como era novo, não havia memórias coladas às paredes ou ao soalho. Nem eu vislumbrava, através do espelho da casa de banho, discussões ou cenas pungentes de um amor não correspondido. Era novo em folha. Tal como queria que a minha vida fosse.

Ocorreu-me que algumas plantas poderiam embelezar o espaço e dar-lhe um pouco de cor, mais do que necessária, pelo que me desloquei até ao Mercado Verde na Union Square para as comprar.

O vendedor de plantas parecia de outro tempo. Tinha um cabelo de um louro raiado e uma tez morena de tom sujo, por estar sempre exposto ao sol. Na sua camisa de flanela já coçada e nas suas Timberland velhas, gastas pelo uso e não por ser moda, destacava-se bem, tal o contraste, no meio dos metrossexuais, de unhas cuidadosamente tratadas, que deambulavam pelo mercado, segurando cestos de verga numa mão e óculos de sol Gucci na outra. Este homem era diferente. Era um *agrossexual* rude.

Pedi-me que lhe descrevesse o apartamento não em termos de área ou do aspecto do fogão e do frigorífico, mas tendo em conta o nível de luz, de temperatura e de humidade.

Disse-lhe que tinha janelas do chão ao tecto, o que era praticamente verdade, embora elas fossem mais do tecto até ao aparelho do ar condicionado do que propriamente até ao chão.

Acrescentei que tinha uma vista ampla para sul, difícil de encontrar em Nova Iorque, e que, sempre que fazia sol, o apartamento era quente e luminoso durante todo o dia, mesmo no Inverno.

Não tinha passado lá um Inverno todo, pelo que não sei porque disse isso. Talvez por me ter soado bem, tanto como a ele, pois curvou-se no meio das plantas, ficando com a cabeça coberta de flores roxas, os pedúnculos no ar, e ergueu-se com um sorriso rasgado e um molho de folhas de meio metro de altura.

Fiquei desiludida.

– O que é isto?

– Uma ave-do-paraíso – respondeu-me, elevando-a bem alto e rodopiando o vaso com a ponta dos dedos.

– É uma planta tropical? – perguntei, fechando o meu casaco, por causa do vento frio de finais de Março, e imaginando já a sua morte iminente.

– Havaiana, para ser mais preciso. *Strelitzia reginae*. Pertence à família da bananeira. Precisa de muita luz solar, mas não muito directa. Deixe a terra secar completamente entre as regas. Demora a crescer e não floresce durante cinco, seis ou talvez sete anos, dependendo do tempo. E do amor – acrescentou com uma piscadela de olhos.

Abri o casaco.

– Seis ou sete anos? O meu casamento não durou tanto tempo. Tem alguma planta que floresça mais cedo, por exemplo, numa semana ou em duas?

– Esta é a planta perfeita para si – disse. – É uma beleza!

– Quanto custa?

– Trinta dólares. Vou buscar-lhe uma brochura sobre plantas tropicais raras para que saiba como cuidar dela.

– Três, zero? Eu posso comprar na florista ali na esquina uma dúzia de rosas por dez dólares, já com flores grandes e bem perfumadas.

– Lá isso pode, mas estão murchas ao fim de uma semana. Terá de ir comprando outras todos os sábados. Se fizer as contas, sou baratíssimo. Além disso, esta planta é *tropical*. Imagine só as brisas vindas do oceano a agitar as palmeiras, os empregados de bar, os *cocktails* em praias de areia branca banhadas por águas quentes e de um azul vivo...

Não sei se foi a imagem dos empregados de bar, dos *cocktails* ou dos olhos azuis dele, mas, como pessoa que trabalha na área da publicidade, eu tinha de respeitar um bom empreendimento comercial. Paguei-lhe e ele entregou-me a planta, a dita brochura e um cartão, com a seguinte inscrição: *David Exley, O Homem das Plantas*.

– Soa a super-herói – retorqui.

– Na verdade, tenho uma relação algo especial com a flora e a fauna, se é que me entende.

Não percebi, mas acenei que sim com a cabeça.

– Volte cá se as folhas começarem a amarelecer nas pontas. Estou cá todas as segundas, quartas e sábados, desde as seis da manhã até às dez da noite.

– Espero que não – disse por cima do ombro. – Por 30 dólares, é bom que se mantenham mesmo muito verdinhas.

Atravessei o mercado com a minha ave-do-paraíso bem firme à minha frente, como um presente. Era uma sensação agradável estar a transportar um pedaço de terra. Achei que fazia com que eu parecesse uma daquelas mulheres que preparavam refeições saborosas todas as noites para os seus filhos que estudavam na Steiner School, que calçavam sapatos da marca Birkenstocks e que liam a Cabala, em vez de ser quem sou: uma divorciada de trinta e dois anos, a viver sozinha, sem filhos, numa casa sem plantas.

De volta ao meu apartamento, pousei a ave-do-paraíso no peitoril da janela. Como a base do vaso era demasiado larga, ficou a balouçar, periclitante. Apanhei a minha plantinha tropical de trinta dólares mesmo antes de ela se esborrachar no chão. Não tinha sequer passado cinco minutos comigo e a vida dela já corria perigo. Nada que me surpreendesse.

A ave-do-paraíso foi o único ser vivo com o qual partilhei o meu espaço depois de me ter divorciado. *Nada de animais de estimação, nada de plantas, nada de pessoas, nada de sarilhos*: era este o meu lema desde há nove meses.

Conheci o meu ex-marido no trabalho. Era bonito, inteligente e bem sucedido. Mas que grande asneira! O homem bebia como um desalmado e queria ter muitos filhos. Eu não fazia tenção ter assim tantos filhos e bebia com moderação. Sei que, ao contrário do nosso, muitos casamentos são complexos e multifacetados. O nosso casamento de quatro anos pode resumir-se assim:

Primeiro ano:

– *Amo-te Lila.*

Segundo ano:

– *Amo-te Lila.*

Terceiro ano:

– *Amo-te Lila.*

Quarto ano:

– Quero o divórcio, Lila. Vou viver com a produtora da nossa agência de publicidade.

Produtora da agência de publicidade, ou seja, a mulher que lhe trazia o café e que lhe reservava os voos. Que *cliché!* Na altura, questionei-me como é que algo que mais parecia ter saído de um telefilme podia magoar-me tanto.

Na verdade, não foi por causa da produtora nem da bebida. O problema do nosso casamento tinha uma razão genética.

O meu marido vinha de uma família irlandesa católica numerosa, em que todos eram casados e tinham filhos, a não ser que fossem *gays* ou doentes mentais. Eu descendia de uma família em que ninguém se havia casado, salvo se já houvesse filhos, geralmente por não terem sido planeados.

Os meus pais, que eu amava desmesuradamente, divorciaram-se quando eu era pequena. Depois da separação, ambos se fartaram de namorar, quais adolescentes, mas nunca voltaram a casar. A minha irmã e o meu irmão, que são mais velhos do que eu, tiveram filhos, sem contudo se terem casado.

Muitas pessoas casam para manter a tradição. Eu fui uma rebelde. Casei-me para a quebrar.

O mais estranho, ao contrário do que julguei, é que eu adorava estar casada. Apreciava especialmente os pequenos rituais, como as alcunhas de ternura: ele era o «Ursinho fofo» e eu a «Rosinha selvagem». Gostava imenso de fazer compras no Whole Foods, de estufar bifes e de fazer caldos de frango em panelões cheios de vegetais. Adorava lavar a loiça enquanto ouvia o Curtis Mayfield. Também gostava de lavar a roupa, de a pôr a secar e de a dobrar. Graças a Deus, até nem me importava de aspirar. Julgo que é justo afirmar que, durante os anos em que fui casada, tornei-me simplesmente a pessoa mais aborrecida à face da Terra e achava isso o máximo.

Mas deixemos de falar de mim. O meu ex, que, atendendo às circunstâncias e à sua história familiar, era quem mais estava inclinado para casar, detestava essa minha maneira de estar. Era um louco por espaço. Como tinha vivido numa casa minúscula com muitos outros parentes, não suportava a proximidade de outra pessoa. Não parava de insistir para comprarmos uma cama maior e mudarmos para uma casa mais espaçosa. Por conseguinte, passámos a dormir num colchão tão largo que, mesmo quando estávamos com as pernas e os braços completamente afastados, as pontas dos nossos dedos não se tocavam. Vivíamos num *loft* do tamanho de um hangar de aviões.

Só para me certificar de que eu não estava doida, resolvi recolher opiniões alheias sobre a minha cama. O meu amigo Oliver, que era um *designer* de interiores muito conceituado, disse-me que era a peça de mobília mais larga que alguma vez tinha visto num apartamento em Manhattan. A minha amiga Lisa afirmou que se sentia pequenina, como um bebé que gatinha até à cama dos pais. A minha mãe prontificou-se a mandar fazer lençóis à medida. E o meu colega de trabalho e estimado amigo Kodiak Starr, que era surfista, disse que, com a coberta azul esverdeada, lhe fazia lembrar um oceano. Era facto oficial. A minha cama era

tão extensa como o Atlântico. Eu dormia em Nova Iorque e o meu marido repousava a léguas, no outro lado do colchão, em Londres.

O meu Ursinho fofo, o meu pilar, revelou-se um pedaço de pedra-pomes. Mostrava-se desnorteado e frágil sob pressão, sendo incapaz de falar ou até mesmo de saber o que estava a sentir. No nosso apartamento gigantesco e na nossa cama descomunal, vagueava para muito, muito longe, até que um dia, pura e simplesmente, nunca mais regressou. Estou a falar a sério. Foi exactamente isso que aconteceu.

Mudando de assunto, o meu verdadeiro amparo era o meu colega de trabalho Kodiak Starr. Para alguém com um nome tão encantador, Kody era um surfista algo filosófico e espalhafatoso. Era mais bonito do que a maioria das mulheres que eu conhecia. Usava coloquialismos como «fixe» e «minha» e entregava-se, por exemplo, à meditação transcendental e aos devaneios. Seria provavelmente considerado um *New Age* se não tivesse nascido em 1984, oito anos depois de mim.

Visto que partilhávamos o escritório, Kody fazia o seu levantamento de pesos diário, quando eu me punha a falar do meu ex. Teoricamente, devíamos estar a preparar um novo anúncio de umas sapatilhas Puma, mas, na maior parte das vezes, conversávamos sobre questões relacionadas com o meu casamento, que eram bem mais urgentes. Quando lhe perguntei por que razão o meu marido me tinha deixado, sem sequer me esforçar para a descobrir, ele respondeu-me com metáforas à surfista: sedutoras e fáceis de engolir. Afagou o cabelo loiro e macio atrás das orelhas, colocou os pés com as havaianas calçadas em cima da mesa e entrelaçou as mãos na parte de trás do pescoço.

– Ó pá – disse –, só os surfistas *longboard* de topo mundial têm estofos para cortar todas as ondas, pequenas ou grandes, perante todo o tipo de circunstâncias. O teu marido foi um amante *shortboard*.

– Mas porquê eu? – perguntei pela milionésima vez. – Porque é que tenho de passar por isto?

– Porque romper é como respirar – redarguiu. – Todos nós actuamos assim.

Depois de o meu casamento ter falhado, estava completamente decidida a manter a ave-do-paraíso viva. Queria fazer tudo com muita

calma. Primeiro, ia habituar-me às plantas e, se tudo corresse bem, passaria a conviver mais com pessoas.

De manhã, antes de sair para o trabalho, acariciava os caules da minha planta com a ponta dos dedos, porque eram ligeiramente ondulados e sabia bem tocar neles. Ocasionalmente, também lavava as suas enormes folhas de bananeira com uma esponja húmida, quando continham demasiada poeira, resultante da exposição ao ambiente citadino.

Cuidava da planta como se de um hóspede se tratasse, salvo o facto de a regar com água em vez de vinho, tentando não lhe atirar com o fumo do cigarro. Mantinha os estores puxados para cima todo o dia, mesmo quando, por causa do sol intenso, mal conseguia ler o que estava no ecrã do computador. Satisfazia o que considerava serem os seus caprichos e, para grande surpresa minha, ela floresceu. Despontavam novos rebentos do seu caule. Eu adulava-os com borrifos de água e palavras doces e eles desabrochavam em enormes e brilhantes folhas translúcidas, de um tom verde pálido, com nervuras finas.

Quis ir ao Mercado Verde para agradecer a David Exley e me vangloriar com o meu feito (isto é, voltar a vê-lo e namoriscar descaradamente), mas hesitei: no que tocava a homens, mostrava-me nervosa e inexperiente. Em alternativa, telefonei a Kody.

Atendeu-me na praia e pôs-se a bradar sobre *surf*.

– Tens de vir para aqui, Lila. Tens de cá vir surfar umas ondinhas! Vem só quando tiveres dores nos tornozelos por andares de cócoras. Livre como um pássaro, miúda. Livre como um pássaro.

Desliguei o telemóvel e decidi ir ao Mercado Verde.

– A minha ave está a crescer lindamente – disse.

David Exley, o Homem das Plantas, apontou com o polegar para trás dele.

– Tenho muitas mais à espera de dono.

– Não vou comprar. Só estou a ver o que há.

– Por mim, tudo bem. Pode ver à vontade. Aliás, se não estiver com pressa, até posso levá-la à minha estufa e mostrar-lhe como é que essa ave ganha asas.

– Tenho tempo, sim – repliquei. – Diga-me lá então como é que ela voa. Baixou a voz e aproximou-se.

– Antes de lhe revelar os segredos do meu negócio de plantas tropicais, tenho de saber com quem estou a falar.

– Chamo-me Lila.

– Lila... é um nome bonito. Lila quê?

– Nova.

– E qual é o seu nome do meio, Lila Nova?

– Grace.

– Lila Grace Nova. A *nova* Lila Grace.

Pegou na minha mão e fez deslizar as pontas dos meus dedos por uma folha grande.

– O que sente?

– Está húmida.

– Húmida, não. Humedecida. Percebe a diferença?

– Como é que as consegue manter assim? Humedecidas, quero dizer. Sem que elas fiquem completamente molhadas?

Largou-me a mão. Estava suja da imundície das luvas de jardinagem, como se ainda as tivesse calçadas.

– Compre dois humidificadores, mas não os esguiche muito perto da planta, para não encharcar as folhas, nem muito longe, para elas não secarem. Faça isso a uma distância suficientemente próxima para as manter cobertas com uma fina e leve névoa. Vai ser um mimo para ela! Crescerá tanto que expulsará a Lila do apartamento. Acredite em mim, terá de mudar de casa só para continuar a viver com essa planta.

– Detesto mudanças de casa.

– Isso é porque está demasiado enraizada. É sinal de uma pessoa verdadeiramente plantada.

Gostei de ouvir isto. Uma *pessoa verdadeiramente plantada*. Parecia-me algo mais vivo, inspirador e feminino do que *uma verdadeira publicitária*.

Olhei para Exley. Os olhos dele eram da cor do azul desbotado da camisa de trabalho, com rugas espalhadas, em forma de leque, à volta dos cantos exteriores, talvez por ter de semicerrar os olhos contra o sol todo o dia. Ele fez-me sentir como se eu não estivesse em Manhattan. Gostei desta sensação. *Este homem é um verdadeiro profissional*, pensei. *Que autêntica paixão pelo negócio de flores!*

– O que é que faz? – perguntou-me.

– Trabalho na área da publicidade.

– Que emprego estimulante, hem?

Foi a gota de água. Se ele queria entrar numa de provinciano rude, eu ia armar-me em cidadina *sexy*.

– Sim – respondi, levantando dos ombros, com ambas as mãos, o meu cabelo loiro ondulado e agitando a cabeça de um lado para o outro.

– É um emprego muito estimulante.

